

# Da arte da conversação a uma teologia iconográfica: tributo a Cláudio Pastro

*From the art of conversation to an iconographic theology:  
tribute to Claudio Pastro*

*Pedro Rubens Ferreira Oliveira*

## Resumo

A partir de uma experiência de conversação com Cláudio Pastro, o autor propõe uma releitura da capela universitária da Universidade Católica de Pernambuco, reformada pelo artista, na perspectiva de uma teologia menos discursiva e mais iconográfica. Na primeira parte, o artigo narra os aspectos que permitiram, a partir de conversas diversas, propor uma reforma desse espaço de culto e oração à luz do concílio Vaticano II, atestando o quanto a questão da imagem é fundamental na ética cristã, não delegando à estética um debate apenas sobre beleza e seu significado. O edifício cristão reúne um universo muito eloquente, em que se revela a visualização do que é celebrado. Na segunda parte, passa-se da pedagogia do espaço reformado a uma mistagogia, graças à simbologia dos monumentos litúrgicos e outros elementos da arte sacra, ícones da Igreja e da vida cristã. Enfim, à guisa de conclusão, uma síntese aberta, ensaiando novas interpretações da tradição jesuíta, do cristianismo e do próprio espaço litúrgico.

**Palavras-chave:** Iconografia. Arte sacra. Espaço litúrgico. Teologia narrativa. Capela da Unicap.

## Abstract

From an experience of conversation with Cláudio Pastro, the author proposes a re-reading of the university chapel of Catholic University of Pernambuco, renovated by the artist, from the perspective of a less discursive and more iconographic theology. In the first part, the article narrates the aspects that made it possible, from a variety of discussions, to propose a renovation of this space of worship and prayer in the light of the Second Vatican Council, attesting how much the issue of image is fundamental in Christian ethics, not delegating to the aesthetics a debate only about beauty and its meaning. The Christian building brings together a very eloquent universe, in which the visualization of what is celebrated is revealed. In the second part, we move from the pedagogy of the renovated space to a mystagogy, thanks to the symbolism of liturgical monuments and other elements of sacred art, icons of the Church and Christian life. Finally, by way of conclusion, an open synthesis, rehearsing new interpretations of the Jesuit tradition, of Christianity and of liturgical space itself.

**Keywords:** Iconography. Sacred art. Liturgical space. Narrative theology. Unicap Chapel.

## Introdução

A busca de fazer teologia *outramente* passa por vários ensaios. A esse título, gostaria de contar uma história e, na intriga da narração e da conversação, fazer memória de alguns encontros com Cláudio Pastro, em vista da reforma da capela do *campus* da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), no Recife, realizada em 2015, arriscando uma releitura teológica da obra. Registro assim, nosso reconhecimento e gratidão ao grande artista sacro, no marco dos 75 anos de seu nascimento e no 80º aniversário dos primeiros cursos da Unicap.

Para início de conversa, antes de qualquer interpretação teológica da capela, caberia um preâmbulo fundamental inspirado em uma passagem de Gadamer sobre o processo de conversação:

Costumamos dizer que “levamos” uma conversação, mas a verdade é que, quanto mais autêntica é a conversação, menos possibilidade têm os interlocutores de “levá-la” na direção que desejariam. De fato, a conversação autêntica não é nunca aquela que teríamos querido levar. Antes, em geral, seria até mais correto dizer que chegamos a uma conversação, quando não nos enredamos nela. Como uma palavra puxa a outra, como conversação dá voltas para cá e para lá, encontra seu curso e desenlace, tudo isso pode ter talvez alguma espécie de direção, mas nela os dialogantes são menos os que dirigem do que os que são dirigidos. O que “sairá” de uma conversação ninguém pode saber por antecipação. O acordo ou o seu fracasso é como um acontecimento que tem lugar em nós mesmos. Por isso, podemos dizer que algo foi uma boa conversação, ou que os astros nos foram favoráveis. São formas de expressar que a conversação tem seu próprio espírito e que a linguagem que nela discorre leva consigo sua própria verdade, isto é, “revela” ou deixa aparecer algo que desde este momento é.<sup>1</sup>

No caso da reforma da capela da Unicap, o acordo chegado, depois de várias conversas, revelou-se como feliz diante da obra realizada e da satisfação alcançada. Para além da obra, porém, penso que a linguagem e o espírito da conversação não somente foram exitosos, mas poderiam contribuir na maneira de fazer teologia, essa considerada como estatutariamente hermenêutica, mas que, não poucas vezes, cai na tentação discursiva: eis um assunto que mereceria ser aprofundado, mas daria outro artigo.<sup>2</sup> Seja como for, tentaremos, na busca de uma teologia narrativa da capela em questão, honrar a verdade e o método marcados por uma conversação com o artista.

Nesse artigo, evocarei trechos dessas conversas, na reconfiguração do espaço, nos símbolos e nos monumentos, propondo-nos uma teologia mais simbólica, narrativa e estética. Ao invés de “mobiliário litúrgico”, termo mais comumente encontrado, adotarei a terminologia de “monumento” por me parecer mais adequada à concepção de Pastro:

Enquanto construções relativamente independentes entre si no espaço, convém aproximá-los do tipo *monumento*. Ambão, fonte batismal e altar são concretamente monumentos da Páscoa do Senhor. *Monumentum* procede do verbo latino *monére*: advertir, fazer recordar, instruir. É justamente o que esses três elementos devem realizar dentro da assembleia litúrgica na sua função e estrutura: uma anamnese do Cristo e da vida do cristão.<sup>3</sup>

Referindo-se à iconografia cristã, Pastro atesta: “A questão da ‘imagem’ é fundamental na ética cristã, e a estética não é um simples capricho do belo pelo belo. Numa obra ou num edifício cristão existe todo um universo muito eloquente.”<sup>4</sup> Ou ainda, sobre o programa iconográfico ele diz: “É a ‘visualização’ daquilo que se celebra; é a ‘visualização’ do invisível

<sup>1</sup> GADAMER, H.-G., Verdade e Método, p. 561.

<sup>2</sup> Nilo Ribeiro e eu, depois de uma longa história de amizade e conversas, estamos ensaiando um artigo com base neste desafio e inspiração de uma teologia como conversação.

<sup>3</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 127.

<sup>4</sup> PASTRO, C., Arte Sacra, p. 6.

presente entre nós, isto é, ‘onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles’ (Mt 18, 20).”<sup>5</sup>

Embora inscrita nas paredes, vidros, azulejos, madeiras e outros materiais, o conjunto da obra não apenas retrata os traços de uma conversação, mas propõe-se como um convite aberto a qualquer pessoa que, conscientemente ou não, queira habitar esse espaço diferenciado do *campus* universitário. Primeiro, importa, a partir de uma pedagogia da conversação, narrar os elementos que permitiram rever os fundamentos da construção e as fontes da própria vida cristã, em vista de uma reforma do espaço litúrgico com base na própria dinâmica conciliar de atualização (*aggiornamento*), reforma (*reformatio, renovatio*).<sup>6</sup> Em segundo lugar, refletiremos sobre a passagem da pedagogia deste lugar reformado à uma verdadeira mistagogia, graças aos monumentos e símbolos que compõem o espaço. Enfim, apresentando uma conclusão aberta, um convite a novas interpretações.

## 1. A pedagogia da conversação e a reconfiguração de um espaço

Três aspectos motivaram a conversa e orientaram a reforma. Primeiro, a capela em questão não era original, pois conheceu duas versões anteriores.<sup>7</sup> Embora tivesse seu charme, ela apresentava uma certa incongruência de estilo: vista de fora, a edificação remetia a uma capela do interior, de estilo bucólico e pastoril, contrastando com o conjunto arquitetônico moderno do restante da universidade; por dentro, porém, ela evocava outro estilo, ao mesmo tempo tradicional na mensagem e moderno nas formas, embora sem comunicação com o restante do *campus* e sem uma devida adequação de espaço celebrativo. Portanto, a parte externa da capela não conversava nem com a interna nem com o conjunto arquitetônico da universidade. Em si, isso não era um problema maior, mas também não impedia uma reforma, adequando-a às diretrizes da renovação conciliar e ao ambiente universitário. Na verdade, em seus grandes traços e diversos edifícios, a universidade é bastante eclética ou, se quisermos, os edifícios foram seguindo a evolução da arquitetura predominante dos anos 1970 a 1980, sem desconsiderar o resquício de um casarão colonial, em comunicação com o Palácio da Soledade<sup>8</sup> (1764) e o santuário consagrado à Nossa Senhora de Fátima (1935), do outro lado da rua do Príncipe, denominado *campus* Nóbrega.

Um segundo aspecto importante apareceu logo no início da conversa, quando descartamos a proposta de demolição da capela existente em vista de construir uma outra, com mais liberdade de criação e até mais viabilidade financeira. Dito isso, abraçamos o desafio de uma reforma que respeitasse a base existente, mas isso não evitou uma série de outras questões, a partir de um critério fundamental: como respeitar a construção e, ao mesmo tempo, reinventar o espaço conforme as novas orientações da Igreja, notadamente inspirando-se no concílio Vaticano II?<sup>9</sup> Assim, instigados pela atualização iniciada pelo movimento litúrgico e a recepção conciliar (*aggiornamento*), sinal de uma igreja em constante processo de mudanças (*Ecclesia semper reformanda*), apostamos em um projeto de reforma que conversasse melhor com as

<sup>5</sup> PASTRO, C., O Deus da beleza, p. 75.

<sup>6</sup> LAMBERIGTS, M. et al., 50 anos após o concílio Vaticano II, p. 8.

<sup>7</sup> A primeira capela do *campus* era em outro local, mas foi demolida. Uma outra foi construída no local da atual, com obra iniciada, pelo padre Abranches, ao lado da residência dos jesuítas (Bloco C), mas somente concluída e inaugurada em 13 de maio de 1971, consagrada à Nossa Senhora de Fátima. No reitorado de padre Amaral Rosas (1978-1986) houve uma reforma e assim permaneceu até 2015.

<sup>8</sup> O Palácio episcopal, de 1764, foi vendido aos jesuítas, antes da ida do Cardeal Leme para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, deixando claro o seu desejo de criar uma Universidade Católica no Recife (CABRAL, N. D. A., Memórias de um cotidiano escolar, p. 29-31).

<sup>9</sup> Sobre o espaço litúrgico, à luz da tradição e do concílio, ver a obra de MORAES, F. F. *O espaço do culto à imagem da Igreja*. Inclusive, em uma das conversas com C. Pastro, ele revelou ter apreciado a obra, dizendo ter sido um dos melhores livros que já leu sobre o assunto.

novas gerações, seminaristas ou religiosos em formação, estudantes crentes e não crentes, todas aquelas pessoas que nos pedem razões de nossa esperança (1 Pd 3,15).

Com essa perspectiva, eis o terceiro aspecto considerado: quando entramos em conversação com Cláudio Pastro, apresentando-lhe o motivo da reforma, fomos discutindo cada detalhe, não sem incluir outros artistas, arquitetos e interlocutores da comunidade universitária, em vista de desenhar um projeto, evitando, por um lado, ceder à tentação de fazer uma bricolagem, na tentativa de obter algo representativo de todos, e, de outro lado, sem deixar de acolher as mais diversas sugestões, ser capaz de arriscar um estilo, considerando a liberdade e a obra do artista. Pastro foi, sem dúvida, um dos maiores artistas sacros do Brasil contemporâneo: “(...) seria injusto não mencionar o pioneiro trabalho de Cláudio Pastro em arquitetura, pintura, escultura, além de cursos e publicações com solidez de conhecimento da teologia e da espiritualidade litúrgicas.”<sup>10</sup>

Il n'en reste pas moins que la réforme liturgique, sur presque un siècle, était indispensable (les nombreux indults liturgiques accordés au cours du XX<sup>e</sup> siècle en portent la preuve). L'aménagement intérieur des églises était la conséquence de la réforme la plus lourde à opérer. La plus décisive aussi. Nous avons tenu, parmi de travaux et des recherches, à présenter ceux de Cláudio Pastro, comme un exemple capital de ce renouveau.<sup>11</sup>

Mas, precisamos admitir honesta e respeitosamente: ele não ficou conhecido pela flexibilidade de suas concepções, nem pela capacidade de conversar livremente, sobretudo quando os efeitos crescentes de sua saúde precária foram diminuindo sua paciência, consumindo suas forças e abreviando seu tempo. Confesso, porém, que tivemos o privilégio de ter uma conversa bastante respeitosa e fecunda com esse artista genial e profundamente místico. Pastro tinha consciência de sua missão como artista sacro e um verdadeiro mestre: “o artista sacro é um homem do espírito. Um traço, uma cor, um som... revelam o espírito encarnado ou são um traço, um som qualquer. Meus alunos buscam realizar a beleza numa obra, porém sempre lhes digo: “A beleza provém primeiro do espírito trabalhado em nós; a obra é consequência.”<sup>12</sup>

Antes de continuar, importa recordar que tudo começou com dois desejos conjugados: convidar o artista para dar uma conferência na universidade e, nesse contexto, propor a ele trabalhar na reforma na capela do *campus*. Tais desejos convergiam com a necessidade de uma reforma que foi crescendo com os motivos seguintes: primeiro, não foram feitas reformas em mais de vinte e cinco anos do edifício; segundo, a vinda dos seminaristas para estudar na universidade, oriundos de algumas dioceses do Regional Nordeste 2 da CNBB (2010), suscitou o anseio de oferecer um espaço litúrgico mais didático e mais norteado pelas reformas do concílio Vaticano II, referência e bússola de toda a igreja;<sup>13</sup> terceiro, no Recife, não tínhamos nenhuma capela concebida, em seu conjunto,<sup>14</sup> por esse grande artista brasileiro, à época, responsável pelos trabalhos do Santuário de Nossa Senhora Aparecida, mãe negra do Brasil. No entanto, esses motivos esbarravam em uma dificuldade: como convencer o artista a abraçar uma nova obra, diante do acúmulo de trabalhos demandados pelo santuário nacional, mas também devido à crescente fragilidade de sua saúde? Contamos, porém, com algumas situações favoráveis.

Em 2014, Cláudio Pastro, aproveitando uma vinda a Pernambuco, aceitou dar uma conferência na Unicap e, um pouco antes de chegar ao auditório, fez uma rápida e discreta visita à

<sup>10</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 46.

<sup>11</sup> ARMOGATHE, J.-R., Cláudio Pastro, p. 26.

<sup>12</sup> PASTRO, C., Imagens do invisível na arte sacra de Cláudio Pastro, p. 6.

<sup>13</sup> LAMBERIGTS, M. et al., 50 anos após o concílio Vaticano II, p. 151-156.

<sup>14</sup> Não desconhecemos os detalhes da igreja dos capuchinhos, aqui na cidade do Recife, mas não foi uma reforma completa, apenas um mural.

capela do *campus*. E, graças a esse episódio e da forma mais paradoxal, tivemos uma conversa invertida. Aconteceu que, durante a conferência, em vários momentos, ele mencionou a nossa capela como um péssimo exemplo de estilo, de espaço litúrgico e não poucas outras inconsistências. Praticamente, em suas palavras, não sobrou pedra sobre pedra. Mais que fazer qualquer ponderação ou defesa disso ou daquilo, diante de um público expressivo, agradeci pela conferência e, ao mesmo tempo, lancei o desafio dele aceitar fazer a reforma da capela por ele “destruída”. Diante do aplauso de um auditório lotado (mais de 400 pessoas), Pastro acatou a proposta que, evidentemente, foi mais bem conversada em ocasiões posteriores, contando com a mediação insubstituível de Madre Dinorah Gondim Borges e, igualmente, da coordenadora do curso de Teologia da Unicap, Maria Aparecida Abrão, também religiosa de Santo André, a quem somos gratos. Na verdade, elas gozavam de grande amizade e estima do artista, notadamente em razão da reforma de várias capelas da congregação.

Desde o início, conversamos sobre algumas pistas recolhidas da própria biografia do local, sob a forma de sugestões abertas e a dialogar: antes de tudo, não somente descartamos a demolição total, guardando os traços de sua pequena história, mas também expressamos o desejo de manter o nome do patrono, Santo Inácio de Loyola, embora acrescentando os seus primeiros companheiros que, como sabemos, formam o grupo de fundadores da Companhia de Jesus. Um discernimento importante versou sobre o estilo: privilegiamos a arte dos azulejos e não murais ou afrescos, em razão não somente da umidade da cidade, mas também para conversar melhor com o grande acervo de azulejos sacros existente no estado de Pernambuco. Por fim, ao invés de decidir por monumentos à base de pedra de granito,<sup>15</sup> material proposto pelo artista mas menos comum nessa parte do país, sugerimos o uso de madeira da região, primando pela maior simplicidade e aconchego desse espaço sagrado.

O artista foi conversando também com o próprio edifício e o conjunto dos demais prédios do *campus*. Preferiu, assim, guardar o estilo simples de capelinha do interior, conforme o aspecto externo, embora contrastando com o conjunto de edifícios verticais da própria universidade, destacando o seu diferencial. Inclusive, sugeriu que guardássemos sempre a cor branca e um piso próximo do cimento “batido”, tão comum nas casas do interior do Nordeste. Por sua vez, conversando com os arcos da Biblioteca, que têm o estilo modernista de Brasília, Pastro propôs a abertura de doze arcos esguios, não sem alusão às doze tribos de Israel e aos doze apóstolos. Dotou, deste modo, o espaço renovado de uma luminosidade natural durante, praticamente, todo o dia, além de criar perspectivas de abertura ao *campus*, graças aos portais de vidro, sem preocupação decorativa, nem mesmo adornos de vitrais. Com isso, além de propor um espaço bastante convidativo aos passantes, essas aberturas permitem aos que estão dentro uma comunicação com o exterior, habitado pelo movimento constante de uma universidade que abre suas portas às sete da manhã e não as fecha antes das vinte e duas horas.

Outro aspecto dessa reforma não diz respeito diretamente ao prédio, mas às relações que edificaram o encontro com várias outras pessoas. Além das conversas entre o artista e o reitor, entre eles e as irmãs, outras tantas pessoas participaram da interlocução: o engenheiro Pedro Adolfo Rodrigues Maciel e o arquiteto Alex Azevedo de Lucena, ex-alunos e atuais funcionários da Unicap; o marceneiro Édson Ferreira de Lima e seus colegas; as equipes de compras e provisão, sob a batuta de Lucinalva Alves de Almeida e Darlane de Oliveira Macedo; o artesão dos azulejos Carlos Afrânio, os operários da vidraçaria, os pedreiros e ajudantes etc. Mais que uma simples distribuição de

<sup>15</sup> De fato, Moraes defende que o altar deveria ser “sempre de pedra” (O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 167), mas, em conversa com C. Pastro, privilegiamos o critério da simplicidade e regionalidade, considerando, inclusive, a própria orientação da Igreja: “Segundo tradicional e significativo costume da Igreja, a mesa do altar fixo seja de pedra, e pedra natural. Contudo, pode-se também usar outro material digno, sólido e esmeradamente trabalhado, a juízo da Conferência dos Bispos. Os pés ou a base de sustentação da mesa podem ser feitos de qualquer material, contando que digno e sólido” (IGMR, 301).



trabalhos, esses encontros sequenciados e os serviços simultâneos de artesãos e artistas revelaram a face de uma parceria e até um certo discipulado: todos sentiam-se, de certa forma, orientados pelo mestre maior da obra, contribuindo com sugestões e alternativas. O respeito e a admiração pelo artista não impediram troca de opiniões e até mudanças, segundo muitas conversas tão difíceis quanto indispensáveis para o resultado que, posso atestar, surpreendeu até mesmo o próprio Pastro, em sua única visita ao local.<sup>16</sup> Conclui-se assim que, se a inspiração consagra o artista, a conversação pode libertar a obra de arte, assinada por um, mas, inevitavelmente, coletiva.

Finalmente, na busca dos fundamentos sólidos da tradição e da teologia, da engenharia e da arquitetura, da disciplina artística e do momento criador, a reconstrução desse lugar de encontro com Deus e com os outros testemunha a leveza dos traços e a beleza da última fase de Cláudio Pastro que transformaram, substancialmente, a capela e o *campus* em um espaço diferenciado e único, que todos podem chamar de seu, embora não sendo de ninguém em particular. De tal modo, no meio de tantos edifícios que verticalizaram a universidade, crescida com a urbanização da cidade e a exiguidade do espaço, essa igreja nos remete aos vilarejos do interior e não menos ao interior de nós mesmos. Não por acaso, preside o ambiente o ícone de um Cristo Pantocrator, estilo dos mais significativos nas igrejas orientais. Pantocrator significa o Cristo Onipotente ou, melhor “Onirregente” – aquele que tudo rege – e traz nas mãos o Evangelho, fonte da vida cristã e boa notícia para a humanidade.

## 2. A mistagogia de uma teologia iconográfica: *tudo o que move é sagrado*<sup>17</sup>

Habitar um espaço sagrado, seguindo os passos de uma pedagogia proposta pelos símbolos e monumentos, acaba sendo uma experiência mistagógica: da pedagogia do espaço passamos à mistagogia da experiência artística e espiritual. Segundo nosso artista e autor, “o lugar celebrativo dos cristãos é um espaço mistagógico, onde aprendemos continuamente a ser cristãos (educação da fé) – é a Palavra, oração objetiva que filtra nossa mente e nosso coração e limpa o nosso subjetivismo psicológico.”<sup>18</sup> De fato,

uma obra arquitetônica não é apenas um espaço cujo significado se esgota no fato de abrigar as pessoas com suas atividades específicas. Não importa se com ou sem projeto ou com que intencionalidade alguém a produz, ela se torna algo autônomo, refletindo os que a construíram, os que a habitam ou a utilizam. Mas, também ao contrário, ela pode conformar, solidificar ou modificar hábitos e mundividências. Se isso não puder ser válido para toda obra, o será obrigatoriamente para uma construção muito específica: o edifício de culto.<sup>19</sup>

Nesse sentido, cada símbolo da capela consagrada a Santo Inácio e seus primeiros companheiros indica pistas de sentido, mobilizando todos os sentidos. Mas os símbolos apontam para além do que a gente vê, pois “o símbolo dá que pensar, faz apelo a uma interpretação, precisamente porque ele diz mais do que não diz e porque nunca acabou de dar a dizer.”<sup>20</sup> Pode-se, nesta pequena capela, mergulhar no mistério divino seja pela via da reconciliação do cristianismo seja pelo sentido antropológico de cada símbolo, duas perspectivas que nos permitem uma imersão.

Ao modo de um guia, propomos um caminho narrativo. De início, antes de adentrar à capela, um convite é feito aos que chegam, sob modo de provocação:

<sup>16</sup> Importa registrar que o artista praticamente não pôde supervisionar nem mesmo visitar a obra, mas a acompanhava de longe, mediante fotografias e vídeos enviados constantemente.

<sup>17</sup> Frase inicial da canção *Amor de índio* (MPB), de Beto Guedes e Ronaldo Bastos Ribeiro, lançada em 1978.

<sup>18</sup> PASTRO, C., *O Deus da beleza*, p. 65.

<sup>19</sup> MORAES, F. F., *O espaço do culto à imagem da Igreja*, p. 25.

<sup>20</sup> RICOEUR, P., *O conflito das interpretações*, p. 29.

Igreja Santo Inácio e companheiros jesuítas.  
No século XVI, no campus universitário de Paris,  
um grupo de estudantes sonhou com um mundo melhor, à luz de Cristo...  
Assim nasceu a Companhia de Jesus.  
Qual é o seu sonho?

A inscrição acima refere-se à experiência singular do peregrino basco que, diante das margens estreitas da doutrina ensinada nas instituições espanholas, bastante marcadas pela vigilância dos tribunais da inquisição, decidiu partir, sozinho e a pé, a Paris,<sup>21</sup> indo ao encontro do meio universitário, onde fervilhavam as ideias novas e os grandes ideais. Qual um cartão de visita, porém, esse enunciado põe em relação dois momentos da história, ao mesmo tempo que cria uma correspondência entre cristandade e contemporaneidade, tendo como agora principal o próprio *campus*, de Paris e/ou de Recife, propondo uma experiência *hic et nunc*. Além de afirmar o meio universitário como contexto originário da Companhia de Jesus, reafirma-se esse lugar de encontros plurais e de uma experiência única para os jovens estudantes, de ontem e de hoje, porque abre um mundo possibilidades e de novos horizontes de pensamento e de busca da verdade, tanto pessoais como coletivas.

Postula-se, portanto, um intercâmbio entre o jovem grupo de universitários de antanho e os estudantes de hoje: ambos partilham desejos juvenis e, entre eles, o sonho com um mundo melhor. Por um lado, esses sonhos, embora diferentes no tempo e no espaço, não são devaneios de juventude: primeiro, porque não são solitários, mas solidários (“sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão; sonho que se sonha juntos é sinal de realização” – adaptação de Dom Helder); segundo, porque assumem o risco de mediações históricas, abraçando os paradoxos da realidade e o risco das interpretações. Dito de outra forma: da organização de uma nova Ordem (Jesuítas) à fundação de uma universidade (a Unicap, por exemplo), a arte de sonhar envolvendo outras pessoas é uma experiência fundamental e inédita. Por outro lado, tanto a Companhia de Jesus em geral como a Unicap em particular são constituídas como “meios” para alcançar “fins”, relacionando sonhos com projetos de transformação das pessoas e das realidades do mundo, mas não sem afirmar que tudo se faz à luz de Jesus, o Cristo de Deus.

Ressalto, porém, que os primeiros passos do visitante da capela da Unicap devem dirigir-se a uma das quatro portas, sem que exista uma central, inclusive porque as grandes passagens são “descentralizadas” e, por isso mesmo, indicam, imediata e visivelmente, que o centro é de outra ordem: o olhar converge, sem muito esforço, para a figura do Cristo Pantocrator, que preside todo o ambiente, e/ou o altar eucarístico, em torno do qual a assembleia se reúne como *Corpus Christi*, comunidade viva de fé. De fato, “a Instrução é clara: (que o altar) ocupe um lugar que seja *de fato* o centro para onde espontaneamente converge a atenção de toda a assembleia.”<sup>22</sup>

O chão desnudo, qual tapete insólito, abre-se a todas as pessoas, sem distinguir degraus hierárquicos, sem nenhum ornamento, apostando no estilo neutro e despojado, como tantos pisos das antigas casas do interior, à base de cimento batido. O movimento conduz o visitante e/ou a assembleia de “caminhantes” – primeiro nome para designar os cristãos – para celebrar ou visitar ou rezar ou silenciar, enfim, seja qual for a forma de habitar esse espaço sagrado, estima-se que uma experiência religiosa ou mística, ética ou estética, ou simplesmente humana, possa acontecer. Bancos e banquetas orientam uma visão de horizontalidade e circularidade

<sup>21</sup> LOYOLA, I., Autobiografia, p. 144.

<sup>22</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 166.

entre os diversos monumentos litúrgicos, estes dispostos de forma bastante visível e harmônica, em torno do altar:

A recomendação (da justa comodidade dos fiéis) é feita em vista da participação integral dos fiéis na celebração bem precisada nos valores antropológicos da *visão, audição, ação, interiorização*. A preocupação fundamental, desse modo, não é uma prévia figuração de um “espaço sagrado”, mas a criação de um espaço favorável ao desempenho das faculdades humanas mobilizadas para participar do Mistério *com os olhos e o espírito*. Essa acolhida celebrante do Mistério constitui a ação sagrada especificamente cristã.<sup>23</sup>

Não deixa se ser interessante a primeira reação das crianças que, ao entrar nesta capela, muito espontaneamente começam a correr e percorrer, acolhendo o convite de um espaço livre. Embora incomodando outras idades, devemos admitir que essa primeira compreensão sensível das crianças é a mais primeva e fundamental da vida cristã, pois “foi para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gal 5,1).

Olhando para o lado esquerdo de quem entra, uma base de madeira, em forma de cubo, sustenta uma fonte batismal,<sup>24</sup> ao modo de grande bacia, bastante singela e revestida, internamente, por um mosaico estilizado.<sup>25</sup> Na figura que orna a parte interna da bacia, o desenho fragmentado faz uma evocação ao Espírito em seu movimento e cores, que repousa sob a água. Outra leitura possível não é sem propósito: essa arte remete à Asa Branca, essa pombinha nordestina, símbolo de resistência do povo e ícone da Unicap. Por sua vez, em um azulejo mural próximo ao lugar do batismo, lemos um enunciado não tão convencional e que, sobretudo, não repete o que o monumento batismal por si já comunica. Mais que isso, a referência bíblica nos orienta rumo às fontes de água viva, reveladas em linguagem apocalíptica: “Quem tem sede venha e quem o deseja receba gratuitamente água viva” (Ap 22,17). Importa frisar a gratuidade da proposta oferecida em Cristo e, sobretudo, suscitar o desejo, pensando, especialmente, em jovens gerações que poderiam associar facilmente o batismo a uma espécie de obrigação ou imposição. Destaque-se, enfim, que, com um leve movimento do corpo ou apenas dos olhos, de qualquer lugar da capela, a assembleia reunida poderá, facilmente, acompanhar o rito batismal ou qualquer gesto simbólico que se realize neste monumento à iniciação cristã.

Por sua vez, girando o olhar para a direita de quem entra, somos surpreendidos por outro monumento litúrgico importante: “a existência do ambão é determinada pela dignidade que se deve tributar à Palavra de Deus, constituindo ele uma referência espacial ‘para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da Palavra’ e os ministros possam ser vistos e ouvidos por todos.”<sup>26</sup>

Trata-se de um monumento de madeira maciça, bastante despojado e também sem muitos adornos, mas visivelmente colocado sob a vigilância daquela que melhor representa a escuta da Palavra: Maria, “Mãe de Deus, da Escuta” ou “da Acolhida”, aquela que “ouve” a Palavra e, assim, “o Verbo se faz carne.”<sup>27</sup> Essa Nossa Senhora da Escuta figura gravada em um azulejo branco com leves traços, olhos fechados e sorriso discreto e pacífico, em atitude de oração, expressando narrativas em que ela recebe o “anúncio” (Lc 1,26-38) e/ou uma alusão àquela que “guardava todas as coisas em seu coração” (Lc 2,16-21) ou ainda ícone de uma mulher grávida que, cheia de esperança, espera e protege o filho em suas entranhas, em atitude reverente a Deus.

<sup>23</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 84.

<sup>24</sup> Normalmente as pessoas designariam de “pia”, já que não jorra água, mas prefiro respeitar a nomenclatura dada por Cláudio Pastro, em manuscrito de 9 de janeiro de 2015.

<sup>25</sup> Trata-se de uma Pia Batismal produzida, artesanalmente, pelo Apostolado Litúrgico, com aplicação de mosaico sobre uma base de concreto, mas pintado cor de argila.

<sup>26</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 132.

<sup>27</sup> Em manuscrito de Claudio Pastro de 23 de janeiro de 2015, endereçado ao arquiteto Alex Lucena e a mim, hoje arquivados na biblioteca da Unicap.



O monumento às Escrituras não pode, portanto, ser considerado nem idolátrico<sup>28</sup> nem estático, evidenciando, sobretudo, o efeito da atitude de escuta digna de fé, segundo Maria, modelo de discipulado e advogada nossa,<sup>29</sup> mãe de Jesus e mãe da comunidade cristã.

Nas duas laterais da capela, através dos doze arcos, dispostos quatro de cada lado e quatro na entrada, contemplamos uma iluminação natural diurna ou reflexos de luzes indiretas à noite, ressaltando uma jardinagem vertical e/ou rasteira. Sugere-se, assim, uma discreta conversação com a natureza, quebrando a pretensa frieza de edifícios e carros estacionados no seu entorno. Além da luminosidade que invade o ambiente durante os dias ensolarados ou a visão de cortinas de chuva e neblina ocasionais, encontramos uma iluminação interna que não é excessiva e está focada nos monumentos, suscitando o efeito de uma intercalação de sombras e penumbras, compondo bem um ambiente convidativo a uma experiência de maior interioridade. De fato, essa ambientação quer ser um oásis urbano, abrigo hospitaleiro para quem chega de um dia movimentado de trabalho ou de estudos, ou para quem está agitado por tantas preocupações e/ou pela dinâmica frenética da vida urbana, ou ainda para quem deseja, simplesmente, um encontro marcado com o silêncio de seu coração ou com os sussurros da Palavra de Deus, contida nas Escrituras ou em tantas formas de o Criador entrar em relação com suas criaturas.

Entre o tabernáculo e a cruz, logo atrás da sede presidencial,<sup>30</sup> vemos o esplêndido Cristo Pantocrator que, como o significado do título (Onirregente) sugere, rege a assembleia, delegando ao presidente da celebração um ofício ministerial, mas sem perder a sua centralidade. Alguns perguntam por que a representação de Jesus Cristo não ganhou feições mais nordestinas, negras ou ameríndias, questionamento que resgata um aspecto da arte de Pastro em seus primórdios:

Seu desejo era criar um trabalho a partir das contribuições das culturas indígenas e africanas, mas enfrentando resistências direcionou seu trabalho com base no romântico. O que não diminui em nada o valor de sua obra. O romântico, momento mais feliz da arte litúrgica no Ocidente, será sempre uma fonte preciosa, sobretudo na iconografia.<sup>31</sup>

Não falta quem indague, ainda, porque Inácio e os companheiros não estão ao lado do Cristo, mas, em menor tamanho e distanciados, no contexto do *campus* universitário parisiense. Conforme as conversas com Pastro, ele mesmo justificou, totalmente afinado com a teologia e a visão inaciana, a centralidade de Jesus, o Cristo.

Diante desses questionamentos, poder-se-ia, simplesmente, dizer que a proposta é outra, sem invalidar a legitimidade de tais sugestões para uma outra capela. Mas, partindo do que aí está representado, espera-se que essa descentralização do “padroeiro” e seu distanciamento do Cristo pode aproximar-se da realidade de muitos estudantes que, em seus questionamentos, olham tudo o que é religioso de longe e, nesse sentido, a iconografia privilegia o tempo em que o peregrino de Loyola e seus companheiros eram estudantes, antes de fazerem o caminho da santidade. E a opção do Cristo no centro visual e na versão de Pantocrator permite não apenas afirmar a centralidade inconfundível do Cristo na espiritualidade cristã e inaciana, mas também

<sup>28</sup> Em atitude de acusação, alguns protestantes consideram a devoção mariana ou aos santos uma “idolatria” à imagem e, nesse passo, católicos acusam os protestantes de adoradores do livro, como um objeto sagrado e não como Palavra de Deus. Nesta capela quisemos convidar uns e outros a uma visão ecumênica, libertando Maria e/ou a Sagrada Escritura de algumas interpretações reducionistas.

<sup>29</sup> Maria advogada não apenas faz alusão à oração popular da “Salve Rainha”, mas à peça teatral “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna (1955), expressão dramatizada da religiosidade popular nordestina e da devoção à Mãe de Jesus, intercessora do povo sofredor, junto ao Cristo Juiz.

<sup>30</sup> A sede presidencial “fundamentalmente, é sinal de que o Cristo preside a assembleia, e não tanto de honraria para o sacerdote. A *Instrução* faz uma advertência: “evite-se qualquer aparência de trono” (MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 108).

<sup>31</sup> MORAES, F. F., O espaço do culto à imagem da Igreja, p. 46.

indicar o caminho de uma reconciliação com a história e a cultura, fazendo conversar entre elas as igrejas ocidental e oriental, para além da grande cisma de 1054.

Nessa mesma linha, a presença iconográfica de Maria como guardiã da mesa da Palavra conversa com as famílias cristãs que nasceram da reforma protestante, conforme já mencionado. Não poucas vezes, a devoção à Nossa Senhora é realçada como identidade do catolicismo popular tradicional. Todos sabemos da importância da figura de Maria, mas sem esconder a ambiguidade que sua devoção pode suscitar: por um lado, ela permitiu preencher uma lacuna deixada pelo patriarcalismo e legalismo, contribuindo para revelar “o rosto materno de Deus,”<sup>32</sup> bem como toda uma expressão da religiosidade popular, para além dos sacramentos, exclusividade quase que total dos ministros ordenados. Por outro lado, considerando os excessos dessas mesmas devoções, não poucas vezes, a figura mariana e algumas manifestações devocionais aproximavam-se de um certo endeusamento, o que gerou reações, notadamente dos protestantes. Em contrarreação, ela passou a ser usada como elemento identificador dos católicos. Seja como for, trata-se, nessa proposta iconográfica, de voltar à sobriedade de Maria do Evangelho e contribuir, assim, na busca de uma relação mais ecumênica: que ela nos ensine a engravidar da Palavra (que se fez carne), ou do Verbo (que se conjuga em tantas culturas, com toda a humanidade!) ou da Poesia (“faça-se em mim...”). Enfim, Nossa Senhora da Escuta, rogai por todos nós!

Nesse sentido, também na perspectiva de uma reconciliação do cristianismo, lembramos da tradição do próprio Jesus, o Cristo, educado nas sinagogas e nas tradições judaicas: por isso, respeitosamente, introduzimos uma *menorá* (Ex 25,31-40). Embora esse candelabro de sete velas recorde a forma de uma árvore, na iconografia de Pastro, em vários outros lugares e também em nossa capela, a árvore da vida reconcilia-nos com todos os viventes e, dentro de uma visão mais holística, não somente os seres humanos, mas toda a criação.

Por vezes aparece nas comunidades cristãs também a menorá, candelabro de sete braços simbolizando a luz da Torá. A respeito dela, os rabinos comentam: “Estando para iniciar a celebração, dispenha-se a acender o candelabro de Deus em seu coração, a retomar o caminho da misericórdia e a reavivar a alegria da gratidão”. A menorá evoca, na sua forma, a árvore da vida, a qual dá frutos que vencem a morte (Gn 3, 22; Ap 2,5). Os sete braços iluminados lembram os olhos de Deus que percorrem a terra (Zc 4,2-5.10b).<sup>33</sup>

Merecem destaque ainda o tabernáculo e a grande cruz. Posto sobre uma coluna de madeira, o tabernáculo (sacrário) recorda uma tenda, conforme a indicação do próprio Pastro: “quatro lados e baixo teto (0,38 x 0,38 x 0,20) em latão escovado/letras vinho, base (0,32x0,32) polida (brilho).”<sup>34</sup> Ao contornar a coluna, pode-se ler a inscrição “Não temais estou convosco todos os dias” (Mt 28,20). Em lugar simetricamente oposto, identificamos uma cruz de madeira, nua, fincada sobre o chão, sempre iluminada. Cláudio havia pensado em inserir uma imagem de Jesus crucificado que, certamente, seria mais uma bela peça de arte a apreciar. Mas, por conta da cruz matricial que inspirou a forma da grande cruz, concluímos que a sua nudez e simplicidade fariam mais alto: trata-se de uma réplica ampliada da cruz peitoral de Dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife, uma memória viva aqui na cidade e região, voz silenciada, aqui no Brasil, durante a ditadura militar, mas, paradoxalmente, conhecida no mundo inteiro. Ora, Dom Helder é *Doutor Honoris Causa* de nossa universidade, patrono de uma Cátedra de Direitos Humanos Unicap/Unesco<sup>35</sup> e, desde 2015, teve iniciado o seu processo de beatificação.

<sup>32</sup> BOFF, L., O rosto materno de Deus.

<sup>33</sup> APOSTOLADO LITÚRGICO, p. 10.

<sup>34</sup> Manuscrito de Claudio Pastro, janeiro de 2015.

<sup>35</sup> CÁTEDRA UNICAP DE DIREITOS HUMANOS. Portaria de criação da Cátedra Dom Helder de Direitos Humanos.

Resta dizer, enfim, que o novo espaço litúrgico tem se revelado muito aconchegante para todos os sacramentos e outros sacramentais (bênçãos, vigílias etc.), mas, sobretudo, hospitaleiro para as mais variadas pessoas que passam pelo *campus* –crentes ou sem qualquer pertença religiosa e até agnósticos.<sup>36</sup> Dos ritos de iniciação, a celebração de batizados, com ou sem eucaristia, permite uma boa comunicação, visibilidade e movimento, tanto para os familiares como para a criança, que não se inibe de manifestar sua liberdade e espontaneidade.

Nas eucaristias diárias ou nas solenidades mais festivas, experimenta-se o conforto de uma capela que abre espaço para a interioridade ou faz-se aconchegante para uma assembleia plena. Em outras celebrações, como por exemplo o projeto “Alumiar,”<sup>37</sup> estilo de oração de Taizé, propostas às quartas-feiras, iniciado no ano de vigília pela Jornada Mundial da Juventude (2013) e que, até hoje, marca um momento singular de contínua oração ecumênica.

Para quem deseja uma benção matrimonial mais familiar e simples, o espaço é propício e dispensa grandes decorações, permitindo que os celebrantes da aliança congreguem todas as atenções, como se deve, criando bastante familiaridade.

Algumas vezes, membros da comunitária universitária solicitaram o espaço para celebração de conquistas e lutas, pessoais ou coletivas, mas também para festejar aniversários (de vida ou de profissão ou de casamento) e até celebração de unção dos enfermos, essa permitindo renovar seu sentido de ação de graças pela recuperação da saúde e/ou gratidão aos amigos e familiares pela solidariedade nas lutas contra adoecimentos diversos, quando não para encorajar no combate a ser enfrentado, contra um câncer, por exemplo.

Finalmente, esse espaço sagrado está aberto ainda às cerimônias de despedida de amigos e familiares de pessoas queridas da comunidade universitária, aceitando celebrar a vida como é ou está. Todos esses ritos de passagem encontram, enfim, na capela renovada, uma verdadeira pedagogia do espaço que nos faz mergulhar no mistério de uma experiência singular e única.

## Conclusão

Nenhuma interpretação, no entanto, poderia pretender concluir essa conversação, nem sob o modelo de uma decifração do espaço nem sob a ilusão de uma compreensão acabada: o símbolo faz pensar (Ricoeur), a interpretação é uma leitura infinita (Tolentino) e uma boa conversa não termina com um simples adeus (Gadamer). À guisa de conclusão, contudo, aponto três releituras que podem sintetizar o caminho percorrido e, ao mesmo tempo, relançar o convite de uma nova leitura e/ou visita ao local.

Primeiro, a capela repaginada permite uma *releitura da tradição* não apenas do espaço litúrgico, mas também da Companhia de Jesus, uma ordem que, entre carisma e instituição, nasceu no meio universitário e de uma experiência inseparável desse contexto de abertura, sonho e busca de um mundo melhor, à luz de Cristo. Importa, porém, atualizar a missão em cada nova época, como testemunhou Dom Helder em seu sonho com o papa João XXIII, relatado em suas cartas conciliares:

(...) assim que fosse empossado (o futuro Padre Geral da Companhia de Jesus), dirigisse, a seus irmãos protestantes, uma Carta, dizendo que era mais do que hora de repensar a Companhia em termos de Vaticano II e de espírito ecumênico (...) Pedindo perdão por excessos e equívocos, cometidos no combate ao que então parecia a pseudo Reforma (...).<sup>38</sup>

<sup>36</sup> Não poucas vezes, em celebrações de matrimônio, batismo ou exéquias, os convidados ou presentes não estão inscritos em nenhuma religião e/ou não são praticantes. É impressionante como para essas pessoas a capela tem sido um lugar acolhedor e hospitaleiro.

<sup>37</sup> SILVA, A. L.; MENEZES, K., Para Alumiar, p. 13-20.

<sup>38</sup> MARQUES, L. C. L.; FARIAS, R. A., Dom Helder Camara. Circulares conciliares, p. 241. De acordo com os autores, para melhor compreender o contexto dessa passagem, importa saber que Dom Helder relata um sonho que teve, na noite de 4/5 de

Assim, na dinâmica de *aggiornamento* do concílio, a Congregação Geral XXXII (CG 32), realizada em Roma, de dezembro de 1974 a março de 1975, definiu as prioridades da missão jesuíta que ficou conhecida por um binômio fé e justiça, e chamo aqui a atenção para o texto em que aparece um trinômio: “A missão da Companhia de Jesus, hoje, é o serviço da **fé**, do qual a promoção da **justiça** constitui uma exigência absoluta enquanto faz parte da **reconciliação** dos homens, exigida pela **reconciliação** dos mesmos com Deus”<sup>39</sup>. Na última Congregação Geral, a 36ª (CG 36), em 2016, foi reafirmada e frisada a importância da justiça (socioambiental), mas com forte acento nos apelos de reconciliação com Deus,<sup>40</sup> da humanidade<sup>41</sup> e com a criação.<sup>42</sup>

Em segundo lugar, o redesenho e a disposição do lugar e, sobretudo, os símbolos principais presentes no espaço restaurado sugerem uma *releitura do cristianismo a partir dos conflitos históricos*, mas na perspectiva de uma reconciliação. Contemplar, ao mesmo tempo, a *menorá* e a árvore da vida, a cruz e o Ressuscitado, a mesa da Palavra e da Eucaristia, a fonte batismal e a congregação dos fiéis batizados em círculo de oração são alguns aspectos que favorecem a busca por diálogo, sarando as feridas e relativizando as polêmicas históricas, bem como os julgamentos acirrados e até conflitos e guerras. Eis, na universidade, um tempo e um lugar favoráveis a reconhecermos a riqueza das diferenças e, na diversidade de expressões, de teologias e de igrejas, celebrarmos a fé única, mediante uma experiência de convivência humana que aponta não propriamente para uma uniformidade, mas para uma salutar reconciliação simbólica. A prática da convivência e a experiência da conversação podem ir além de alguns diálogos inter-religiosos que continuam marcados pelo debate de ideias, defesas de posições ou busca de convergências. Nesse sentido, valeria a pena continuar o exercício de conversação iniciado, por exemplo, entre católicos e luteranos, conforme atesta a Declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação.<sup>43</sup>

Enfim, em terceiro lugar, o percurso narrativo que fizemos permite também pensar a importância da *releitura do espaço sagrado*, não de forma iconoclasta, mas dentro de uma possibilidade de reforma e conversação, tentando ressaltar elementos indispensáveis da experiência cristã que, se não foram esquecidos, podem ter perdido o seu lugar, desconsiderando a “hierarquia de verdades” (UR 11). Inclusive, como distingue o Papa Francisco, “todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho” (EG 36). Nesse sentido, é inegável a importância de Maria e dos santos padroeiros, mas isso não deveria concorrer com a centralidade do Cristo, plenitude da revelação; reconhecemos a necessária organização da Igreja e as mais diferentes funções e ministérios, sem contudo olvidar da nossa vocação primeira graças ao batismo e sinal do sacerdócio comum dos fiéis (LG 28); muito importante são os diferentes objetos sagrados,

---

novembro de 1964, hospedado em uma residência jesuíta, antes de dar uma conferência na Academia, casa próxima à Universidade. O papa João XXIII, falecido, apareceu-lhe em sonho, vestido de agricultor, ditando uma carta com três pedidos, que deveria ser entregue ao futuro Padre Geral dos jesuítas que, como sabemos, foi padre Pedro Arrupe. Além do pedido acima, sobre o ecumenismo, o papa teria solicitado aos jesuítas uma reformulação dos votos religiosos e a reabilitação de Teilhard de Chardin (p. 240-243).

<sup>39</sup> CG 32 Dec. 4, 2.

<sup>40</sup> CG 36.

<sup>41</sup> CG 36.

<sup>42</sup> CG 36.

<sup>43</sup> FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL E PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO (...), Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação pela Fé.

necessários às diferentes celebrações e carregados de simbolismo, mas eles não podem rivalizar com os grandes monumentos da mesa da eucaristia, da mesa da Palavra, da fonte batismal.<sup>44</sup>

O espaço litúrgico, portanto, entre o tempo presente e a Promessa, deve ser acolhedor. Maiormente ele deve estar a serviço não apenas do culto, mas da experiência central do cristianismo: “Ele (o cristianismo) constrói-se do lado da hospitalidade.”<sup>45</sup> Por sua vez, a hospitalidade evangélica deveria encontrar concretude em tudo o que fazemos e não menos no espaço do culto, este à imagem da Igreja,<sup>46</sup> povo de Deus, corpo de Cristo.

Concluo, enfim, fazendo eco às palavras de Pastro:

O espaço é uma imagem preciosa. O espaço revela o espírito que habita o lugar. O espaço indica uma presença, o invisível no visível. O espaço revela um modo de ser. O espaço é o lugar do acontecimento. O espaço anuncia, pois ele é nossa extensão. O espaço educa o nosso ser e as boas relações. O espaço provoca “o gosto” pela oração. O espaço permite (ou não) o desejo de “estar com”... O espaço nos reúne para que Ele esteja no meio de nós.<sup>47</sup>

## Referências bibliográficas

APOSTOLADO LITÚRGICO. **Arte no Espaço Litúrgico: entre a matéria e o mistério**. São Paulo: Apostolado litúrgico, 2021.

ARMOGATHE, J.-R. Cláudio Pastro: Pratique et théorie de l'aménagement liturgique. **Communio**, v. 39, n. 4, p. 15-26, jul./août, 2014.

BOFF, L. **O rosto materno de Deus**. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Petrópolis: Vozes, 1979.

CABRAL, N. D. A. **Memórias de um cotidiano escolar**. Universidade Católica de Pernambuco, 1943-1956. Recife: FASA, 2009.

CÁTEDRA UNICAP DE DIREITOS HUMANOS. **Portaria de criação da Cátedra Dom Helder de Direitos Humanos**. 27 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.unicap.br/catedradomhelder/?p=830>. Acesso em: 4 fev. 2023.

COMPANHIA DE JESUS. **Congregação Geral XXXII**. Braga: Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, 1975.

DECRETOS DA 36ª CONGREGAÇÃO GERAL: 17ª Desde a restauração da Companhia de Jesus. Remando mar adentro. São Paulo: Loyola, 2017.

FRANCISCO, PP. **Evangelii Gaudium**. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazioneap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazioneap_20131124_evangelii-gaudium.html). Acesso em: 4 fev 2023.

FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL E PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. **Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação pela Fé**. Outubro, 1999. Disponível em:

<sup>44</sup> Pastro costuma incluir a sede presidencial nos monumentos, mas Moraes discorda e justifica: “Alguns propõem uma relação da sede com o altar e com o ambão, formando, assim, os três elementos constitutivos do espaço da celebração, de modo semelhante ao que os documentos dizem sobre a relação ambão-altar. Na verdade, não há tal afirmação nos textos. A sede possui uma relação primária com o espaço do presbitério e, a partir desse, uma relação com a assembleia e indiretamente com todos os outros elementos presentes no rito que ela executa” (MORAES, F. F., *O espaço do culto à imagem da Igreja*, p. 109).

<sup>45</sup> TOLENTINO MENDONÇA, J., *A leitura infinita*, p. 200.

<sup>46</sup> Alusão ao título impecável do livro de Francisco Figueiredo de Moraes: *O espaço do culto à imagem da Igreja*.

<sup>47</sup> PASTRO, C., *Imagens do invisível na arte sacra de Cláudio Pastro*, p. 5.



<[https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/igreja-catolica-apostolica-romana-icar/declaracao-conjunta-sobre-a-doutrina-da-justificacao](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/igreja-catolica-apostolica-romana-icar/declaracao-conjunta-sobre-a-doutrina-da-justificacao)>. Acesso em 26 jun 2023.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE O MISSAL ROMANO – IGMR. Segunda edição típica do Brasil. São Paulo: Paulus, 1992.

LAMBERIGTS, M.; ROUTHIER, G.; FERREIRA OLIVEIRA, P. R.; THEOBALD, C.; BOSSCHAERT, D. **50 anos após o concílio Vaticano II**. Teólogos do mundo inteiro deliberam. São Paulo: Paulinas, 2017.

LOYOLA, IGNACIO DE. **Autobiografia**. Obras de San Ignacio de Loyola. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.

MARQUES, L. C. L.; FARIAS, R. de A. **Dom Helder Camara**. Circulares conciliares. V. I – Tomo II. De 12 de setembro a 22/23 de novembro de 1964. Recife: CEPE, 2009.

MORAES, F. F. **O espaço do culto à imagem da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2009.

PASTRO, C. **Arte sacra**. São Paulo: Loyola, 1986.

PASTRO, C. **O Deus da beleza**: a educação através da beleza. São Paulo: Paulinas, 2012.

PASTRO, C. **Imagens do invisível na arte sacra de Cláudio Pastro**. São Paulo: Loyola, 2013.

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. Ensaios de Hermenêutica. Trad. M. F. Sá Correia. Porto: RÉ-S-Editora, 1988.

SILVA, A. L.; MENEZES, K. Para Alumiar: uma experiência orante na vida e ritmo estudantil. **Revista de Pastoral da ANEC**, v. 7, n. 14, p.13-20, 2022.

TOLENTINO MENDONÇA, J. **A leitura infinita**. A Bíblia e a sua interpretação. São Paulo: Paulinas / Recife: Unicap, 2015.

VATICANO II. **Unitatis redintegratio**. Decreto sobre o ecumenismo. Disponível em: <[https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html)>. Acesso em: 24 mai 2023.

**Pedro Rubens Ferreira Oliveira**

Doutor em Teologia pela Facultés Jésuites de Paris – França  
Docente do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Teologia da  
Universidade Católica de Pernambuco  
Recife – PE, Brasil  
E-mail: pedro.rubens@unicap.br

Recebido em: 04/08/2023

Aprovado em: 23/10/2023

